REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 795

30 DE JANEIRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

SUA MAGESTADE A RAINHA VICTORIA, IMPERATRIZ DAS INDIAS

FALLECIDA EM 22 DO CORRENTE

A RAINHA VICTORIA

Em 22 d'este mez, pelas seis horas e tres quartos da tarde, no seu castello de Osborne, exhalou o ultimo suspiro a rainha de Inglaterra, Victoria I, imperatriz das Indias, que governava tantos milhões de subditos e em tamanha parte do mundo, que, ao lado do seu imperio, parecia pequeno o dos Cesares romanos.

Levou uma longa vida, gloriosa, a que só deram maior sombra os ultimos desastres do Transvaal e o preço altissimo de victorias incertas. Diz-se que a bondosa rainha, durante suas ultimas horas de vida, chamava tragicamente o neto Christiano fallecido n'essas mortiferas terras do sul d'Africa, onde fôra cumprir seu dever de cidadão inglez, batendo-se pela patria. Lenda será talvez, mas a insistencia com que desde logo correu confirma a repugnancia da rainha por essa lucta em que a Inglaterra se teria envolvido muito a pezar da sua soberana.

Modelo foi ella de monarchas constitucionaes acatando sempre o parlamento e procurando na opinião publica o norteamento de seus actos de rainha. Por isso são todos unanimes no elogio que lhe endereçam milhares de necrologios em todos os paizes do mundo e firmados por homens distinctos dos mais oppostos partidos.

Em todos os parlamentos foram por acclamação votadas as condolencias pelo infausto acontecimento, que enlutou quasi todas as familias reinantes da Europa. No parlamento portuguez, depois de ter sido á camara commnnicada a noticia pelo sr. presidente, falaram, fazendo o elogio funebre da rainha Victoria, os srs. ministro dos negocios extrangeiros, o sr. Franco em nome da maioria e pela minoria o sr. Francisco Beirão. Em signal de sentimento as camaras fecharam até ao dia do funeral.

A rainha Victoria Alexandrina nasceu em Londres, no palacio de Keesington, a 24 de maio de 1819. Succedeu no throno a seu tio Guilherme IV, sendo coroada a 28 de julho de 1838.

Tendo casado com o principe Alberto de Saxe Coburgo, deixa numerosa descendencia. Sua filha mais velha Victoria Adelaide é viuva do imperador Frederico Guilherme e mãe do actual imperador da Allemanha Seu segundo filho, hoje rei de Inglaterra, Eduardo VII, tendo casado com a princeza Alexandra, filha do rei Christiano da Dinamarca, possue numerosa descendencia. Teve ainda a rainha Victoria mais seis filhos: Alfredo, Helena, Luiza, Arthur, Leopoldo e Beatriz.

Casára por amor com o principe e a morte do seu companheiro de muitos annos abalou-a profundamenne, obrigando-a pela dôr a mudar completamente sua maneira de viver.

Morreu a rainha; viva o rei! Eduardo VII foi acclamado no parlamento no dia 23. Bom modelo tem para seguir.

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou a Berlim o sr. Infante D. Affonso. Partiu para Inglaterra El-rei, o sr. D. Carlos.

Deveres de cortezia para com duas grandes nações fizeram sulcar os mares aos hiates regios, por todas as linhas ferreas da Europa fizeram circular em comboios expressos os salões dos principes.

Festas na Allemanha celebrando o centenario da fundação do reino da Prussia e instituição da Aguia Negra, luctos na Inglaterra pela morte da sua soberana estimadissima, a gloriosa Rainha Victoria I, Imperatriz das Indias.

Portugal tinha que demonstrar as boas relações existentes actualmente entre este pequenino estado, ainda tão rico em Africa, e as duas nações gigantes. O sr. D. Affonso foi recebido na estação do caminho de ferro pelo proprio Imperador Guilherme, que o nomeou tenente coronel do regimento de infanteria 20, de que é coronel honorario El-rei de Portugal. O telegramma com que El-rei Eduardo VII de Inglaterra agradeceu ao sr. D. Carlos a participação, que este lhe mandou de que iria assistir aos funeraes da Rainha, prova quanto o poderoso monarcha se sentiu sensibilisado pelo affecto, que lhe demonstrou seu primo portuguez.

Regendo este reino está a Rainha Sr.ª D. Amelia que no dia 28 prestou na camara o devido juramento.

Grande numero de reis se encontram agora em Inglaterra para assistir aos funeraes que devem realisar-se no dia 2 do proximo mez, que, por decreto regio, será entre nós considerado de lucto nacional.

Foi enorme a impressão produzida em todo o mundo pela noticia da morte da Rainha Victoria, fallecida no Castello de Osborne, depois de sessenta e quatro annos de gloriosissimo reinado.

Era senhora d'um imperio maior que o romano, maior que o de Felippe II, em cujos dominios sempre era dia. Passava de quatrocentos milhões o numero de seus subditos. A bandeira ingleza tremula gloriosa pelo mundo inteiro, na Europa, nas Ilhas Britannicas, em Gibraltar e Malta; na Asia, em Ceylão, por toda a India e muitos portos da China; na Africa, em muitas ilhas, nas grandes colonias do Cabo e do Natal, em quantos pontos por esse occeano fóra; na America, na Guyana, nas Honduras e nas vastas regiões do Canadá; na Oceania em Borneo, na Nova Guiné, na Nova Zelandia e por toda a costa do enorme continente australiano!

A Inglaterra possue hoje a maior marinha de guerra e mercante, que até este seculo tem existido no mundo.

E foi a que era senhora de todo esse imperio colossal que a morte ha dias prostrou como a qualquer mortal cuja vida passe ignorada, sem que deixe um rastro, sem que ás vezes deixe uma memoria.

Querida de todos, por todos foi abençoada; teceram-lhe elogios n'esta hora os mais acerrimos inimigos politicos. Todos se referem ás suas qualidades extraordinarias de mulher virtuosa e de rainha constitucional.

A seu respeito contam-se muitas anecdotas, todas concorrendo para exaltar seus excellentes dotes de coração e altissimas qualidades de espirito.

A velha rainha era a mais rica proprietaria de toda a Inglaterra. Senhora dos castellos de Osborne, Balmoral, Albergaldie, Sandrigham, Claremont, Frogmort e Tamborough, além de muitos outros dominios, possuia o ducado de Lancaster, cujo rendimento era enorme. Sua riqueza é avaliada em mais de cem mil contos.

Todos os governos europeus se farão representar nos funeraes. Todos os dias chegam telegrammas dando conta de novas manifestações.

Para Inglaterra sahiu ás cinco horas da tarde do dia 26, o cruzador *D. Carlos*, dirigindo-se a Spithead, levando a seu bordo a charanga do corpo de marinheiros.

A alliança renovada ha dias entre Portugal e a Grã-Bretanha obriga-nos a estas manifestações desusadas. A que mais nos obrigará não é possivel prevel o por emquanto.

A guerra com o Transvaal vai longe de seu termo e não faltou até quem asseverasse que os profundos desgostos que deu á velha rainha lhe abreviaram os dias. A noticia, que correu d'uma entrevista que ella tivéra com Lord Roberts, o qual lhe pintára com muito negras côres o futuro que em Africa esperava os soldados inglezes, foi logo desmentida; mas o que é certo é que o coração de Victoria I recebeu n'estes ultimos mezes profundos golpes.

Vai longe de seu termo a guerra e para Lourenço Marques enviou agora o governo portuguez uma nova expedição. Os valentes soldados, perto de quatrocentos homens entre praças de pret e officiaes, embarcaram no dia 26, na ponte do Arsenal, e, ao som do hymno, o *Zaire* lá foi seguindo Tejo abaixo, levando mais esse punhado de valentes até á Africa oriental.

Nas amuradas e nas enxarcias marinheiros e soldados agitavam com frenesi os lenços. De terra respondia-lhes com saudações o povo que se agglomerava sobre a ponte.

Ao champagne, que foi servido na camara de 1.ª classe aos srs. ministros da guerra e da marinha, foram levantados alguns brindes enthusiasticos a El-Rei, familia real, ao exercito e á marinha.

Vamo-nos costumando a vel-os partir, vai havendo menos enthusiasmo quando elles chegam; mas o certo é que todos sabem longe da terra onde nasceram honrar a bandeira e assim hão de continuar, para gloria do nome portuguez.

Não é natural que tenham de entrar em campanha, mas preparados devem ir para todos os acontecimentos que possam dar-se.

A guerra não acabou por emquanto, mas se Eduardo VII for como sua mãe attento á opinião publica, possivel é que venha a algum accordo com os boers, se é facto, como se affirma, que vae crescendo em Inglaterra o partido da paz. Eduardo VII disse que seguiria os passos politicos de sua mãe, que foi modelo de reis constitucionaes.

Morreu por isso cheia de gloria.

Gloria!... Como este nome vae mal ao pé do da morte e entretanto quantas vezes se junta!

Cheio de gloria tambem, de gloria com muito menos sombras, acaba de fallecer o grande maestro Giuseppe Verdi.

Que longa vida esmaltada de triumphos, desde o *Nabuco* representado em 1842 até suas ultimas operas *Othelo* e *Falstaff*! Aqui, acolá, um fiasco, e logo uma victoria ainda maior que as precedentes! Uma queda era um estimulo. Algumas, como a da *Traviata*, por exemplo, transformavam-se depois nos maiores triumphos. Porque vemos cahir certas obras d'arte? Porque havia aquella de cahir? Nem o proprio Verdi o soube e elle o perguntava.

O grande maestro morreu em Milão com oitenta e oito annos de edade, trabalhando até quasi á sua ultima hora.

Quando o conde de Farrobo quiz um maestro para dirigir-lhe o theatro das Larangeiras propuzeram-lhe Verdi, que tinha então assignado a musica de uma ou duas operas comicas. No concurso foi preferido o Frondoni, que por ahi ficou e todos conhecemos. Que seria de Verdi, se tem vindo para Lisboa? Que musico ahi prosperou? É mais facil suppor que Verdi teria sido como o Frondoni do que acreditar um instante que o Frondoni, apesar do seu merecimento, em Italia seria Verdi.

O sentimento publico tem-se manifestado com eloquentes provas do muito apreço em que era tido o trabalhador genial, auctor d'essa bella musica italiana cantada em todos os theatros lyricos do mundo, *Trovador*, *Traviata*, *Baile de Mascaras*, *D. Carlos*, *Aida*, *Othello*, *Falstaff* e quantas mais!

Quantas vezes o glorioso maestro aqui foi applaudido n'esse theatro de S. Carlos, onde desde ha dias falta um dos seus frequentadores mais enthusiastas, um apaixonado de musica, Antonio Duarte da Cruz Pinto, que a morte, quasi imprevistamente, um dia d'estes levou tambem?

Toda Lisboa o conhecia, por toda a parte o encontravamos, nas ruas, nos americanos, na camara municipal onde era vereador, nas redacções dos jornaes, onde escrevia artigos de critica musical, e sempre, sempre, onde houvesse musica, sua grande paixão, e em S. Carlos sempre, tomando parte acaloradamente em todas as discussões.

E este anno não teem ellas faltado, que o theatro vae muito parecido com o março-marçagão; os *Huguenotes* agora applaudidissimos, logo depois o formidavel fiasco da *Africana*.

E nos intervallos erguem-se as disputas, os partidos formam-se e fala-se das cantoras entre noticias de sensação, que S. Carlos é centro de cavaco e quando corre qualquer noticia boa ou má sempre esvoaça por aquella grande sala illuminada, roçando com as azas pelos camarotes, girando pelo salão de entrada, dando uma volta pelo palco, pousando nas torrinhas. E não faltou de que falassem as senhoras visinhas decotadas e de manga curta com brilhantes nos cabellos: o epilogo do drama da Mãe d'Agua, as notas falsas de cincoenta mil réis, as obras que, de volta da exposição de Paris se acham hoje sepultadas no fundo do Oceano. Treme uma lagrima na ponta d'um cilio... O maestro ergue a batuta... Um sorriso mostra uns dentes como perolas... Os morcegos fugiram... Não tarda uma andorinha com uma boa nova.

João da Camara.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1880-1887

Amelia Stahl, era uma formosa mulher de bella figura, com uma voz de meio soprano cujos agudos já estavam fatigados, mas dotada de muita intelligencia, e sabendo cantar e representar com muita distincção, adaptando se aos caracteres mais oppostos; foi sobretudo na *Carmen* que mais se distinguiu, cantando e representando n'esta opera com muita propriedade, dando ao desempenho da parte de protogonista um caracter artistico perfeitamente accentuado.

Ernestina Bendazzi-Secchi era uma jovem rapariga, gentil, de estatura excessivamente pequena, filha da notavel dama Luiza Bendazzi que havia cantado em S. Carlos em 1862; tinha uma linda voz de soprano, bonito methodo de canto, grande facilidade de aprender os papeis, e com tendencia para cantora dramatica; era porem pouco *ligeira*, apesar de estar escripturada como dama d'este genero. Foi muito applaudida na opera *I pescatori di perle*, e principalmente na parte de *Adalgisa* da opera *Norma*, que foi onde mais se distinguiu.

O tenor Fernando Valero possuia uma voz fraca, propria para papeis de *mezzo caratere*, mas com a desvantagem de não poder cantar nos agudos a *mezza voce*; era bom cantor, e desempenhou bem as operas *Carmen* e *I pescatori di perle*; foi um dos artistas com quem o publico mais sympathisou.

O barytono Eugenio Dufriche era artista muito consciencioso, e bom cantor; o publico porem não o apreciou sufficientemente.

O baixo Vidal, já conhecido no theatro de S. Carlos, conservava-se ainda um artista muito correcto, caracterisando-se muito bem; o orgão vocal achava-se porem muito fatigado.

Alem das causas já mencionadas, tambem concorreram para difficultar o andamento dos espectaculos a falta de uma dama *ligeira* e a de um tenor para o grande reportorio.

Por terem desagradado foram rescindidas as escripturas ao tenor Cardinali e dama Rossi-Trauner.

Tambem contrariou a marcha das representações, e os interesses da empreza, o ter, por vezes, estado doente a Theodorini. Em uma noite, 6 de janeiro de 1887, no 2.º acto da *Africana*, ao começar a aria, Theodorini teve uma syncope e cahiu desmaiada; levada em braços para dentro, só recuperou os sentidos algum tempo depois, ficando comtudo impossibilitada de cantar durante alguns dias, por causa de soffrer grandes hemorragias; naquella noite mudou se o espectaculo, dando se o 1.º e 2.º actos de *Pescatori di perle* e um *divertissement*. De outra vez, logo depois da primeira representação da *Norma*, uma bronchite teimosa reteve a Theodorini em casa por muitos dias, de modo que só houve tres recitas com a *Norma*, opera que promettia dar numerosas enchentes.

Não obstante tantos embaraços a empreza deu alem da opera nova *I pescatori di perle* de Bizet, o *Simone Boccanegra* de Verdi; posto que esta não fosse nova, comtudo tinha alguns novos trechos, accrescentados pelo auctor, e outros substituidos. Alem d'estas, porem, a empreza poz em scena a nova opera *I Doria* de Augusto Machado, mostrando mais uma vez os seus esforços em favor dos compositores nacionaes. A nova composição do author da *Lauriana*, mostrou quanto o maestro portuguez tinha avançado em sciencia musical; alem de ter muitos trechos que revelam inspiração, a opera está bem instrumentada: é um trabalho de merecimento que illustra os annaes da opera lyrica nacional.

Na noite de 5 de abril, no salão da Trindade, executou-se o drama sacro *Maria Magdalena*, de Massenet, e a 2.ª parte do mysterio *Eva* do mesmo author; cantaram os seguintes amadores: Elvira de Sousa, Maria Perry Boto e D. José de Almeida na *Eva*; e Marianna Bravo Montalvão, Herminia Franco de Araujo, Maria Perry Boto, Maria de Alarcão, Elvira de Sousa, João Affonso, D. José

de Almeida, na *Magdalena;* maestro ensaiador Antonio Duarte da Cruz Pinto; 64 tocadores, na maior parte do theatro de S. Carlos e alguns amadores, 40 coristas do sexo masculino e 40 do feminino.

Em 15 e 17 de abril houve no salão da Trindade concertos de musica classica, por Amalia Materna, cantora que creou algumas operas de Wagner, Varette Stepanoff pianista e Gabriella Neusser violinista, escripturados por Amann.

Em 16 de maio de 1887, falleceu, em Lisboa, João Guilherme Daddi, afamado pianista e distincto maestro, de cujos merecimentos já fallámos em outro trabalho.

Em 20 de junho deste mesmo anno falleceu, em Lisboa, Augusto Neuparth, talentoso professor da orchestra do theatro de S. Carlos, insigne tocador de fagote e saxophone.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

QUESTÕES SOCIAES

(CRIMINALIDADE E RESPEITOS HUMANOS)

O homem é certamente a synthese real de duas forças que se degladiam durante a vida: material e animica.

Nas suas diversas phases accentua-se com maior ou menor incremento, consoante o temperamento organico e o grau de educação intellectual e moral dos individuos, o estimulo dos apetites materiaes ou a tendencia reflexiva do espirito.

Muitissimas vezes a victoria fica á força espiritual, e acontece tambem caber o triumpho á materia.

Dominar as paixões depravadas, não ceder ao instincto do vicio, conter em guarda a propria maldade alheia, é contribuir evidentemente para o estabelecimento do equilibrio social no reinado pleno das faculdades psychicas.

A continencia é grande virtude desde que não obedece apenas a intuitos calculados com reservada hypocrisia, e representa lealmente a nobreza objectiva do sentimento/

A idéa do bem e a noção do dever, quando não são a bussola porque se orientam e regulam as acções humanas, nenhum dominio exercem na direcção das vontades e deixam campear o crime.

Logo nas primeiras paginas do livro celebre *Dos delictos e das penas*, transcreveu o illustre Beccaria este famoso pensamento do philosopho Bacon:

«Dans les choses difficiles, il ne faut pas s'attendre à semer età recueillir tout à la fois; mais il faut travailler à faire mûrir, pour moissonner un jour».

Assim é: não se transformam n'um momento as tendencias de degeneração da natureza humana, nem se alteram radicalmente nos effeitos necessarios as leis concernentes a tempos remotos.

A actualidade accusa um augmento excepcional de crimes de toda a ordem, implicando em factores conhecidos de tal producto deprimente.

O roubo, os attentados ao pudor, o homicidio premeditado, constituem moeda corrente e miseravel materia prima para ganancia de certa imprensa tão reles quanto immunda, a qual vae espojar-se no monturo da perversão para em seguida atirar ao publico, no delirio extremo da febre de publicidade mercantil, o alimento deleterio e suggestivo do crime aperfeiçoado.

Ha tres causas principaes a que attribuir o phenomeno desolador do desenvolvimento espantoso da criminalidade: falta de religião, analphabetismo, maus governos.

A estes cabe responsabilidade enorme, attenta a sua qualidade superior de dirigentes.

Disse muitissimo bem Beccaria que: «As nações só serão felizes quando a sã moral estiver estreitamente unida á politica».

O papel civilisador d'um governo na evolução dos povos e na filiação dos acontecimentos, deve medir-se e aquilatar-s pelo aspecto physiologico das condições e pela modalidade das circumstancias.

Embora seja impossivel submetter a systemas intuitivos e a moldes invariaveis, actos externos imprevistos e resoluções intimas de consciencia, cumpre ao poder central mallear por preceitos singelos de ethica a indole das massas e fazer applicar com promptidão o correctivo adequado a todas as faltas.

E' perfeitamente racional que se façam concessões e que se acceitem attenuantes que permittam a moderação das penas, mas é muito mais logico e de inquestionavel alcance moral evitar o emprego dos recursos e meios estremos por uma sensata educação civica, antecipada e acompanhada pela acção vivificante do principio religioso.

A religião é o elemento mais poderoso de harmonia geral no conceito da razão e até na existencia dos povos.

E' uma luz interna que nos eleva a mente ás concepções mysticas da fé pura e á contemplação serena da Divindade: é um freio suave que retem a explosão dos baixos sentimentos animaes e nos faz pender para o lado verdadeiro.

Um arsenal de penas nunca poderá corrigr com tanto resultado pratico um delinquente convencido ou uma sociedade enferma de vicio como a palavra de uncção consagrada pela santidade do ministerio religioso e dignificada pela virtude patente de seus apostolos.

Desde que para o homem acaba tudo com a morte physica é logicamente licito dar satisfação immediata a todos os desejos e a todas as inclinações.

O maximo de prazeres sensuaes será então egualmente o maximo de glorias, ainda mesmo que tenha sido alcançado de punhal em punho, calcando um chão juncado de cadaveres de victimas indefêzas.

A leviandade estupida dos depositarios do poder conduz a taes aberrações sociaes, quando elles não conhecem outro motor que o interesse pessoal e não ouvem outra vóz que o egoismo tacânho.

Os paes de familia para que lhes seja possivel ministrar bons ensinamentos aos filhos carecem de havel-os recebido anteriormente; e semelhante iniciação prévia não se compadece com processos desleaes de administração publica em Estados enfeudados á politica erronea de favoritismo.

A ignorancia de multidões analphabetas debella-se tambem despertando o sentimento de dignidade e o justo respeito ás leis, espalhando a instrucção largamente, creando incentivos proprios a animar o brio popular e sobretudo avivando nas almas o fervor das crenças.

Sempre hão de existir criminosos nas sociedades humanas apezar mesmo da melhor organisação que ellas possam attingir; mas o facto de não caber na alçada de creatura racional obstar á consummação do delicto não absolve de culpa os governos fracos e desleixados, nem colhe como argumento irrespondivel em defeza dos accusados.

Ensino obrigatorio, ou luz de intelligencia; principio religioso, ou pão espiritual para almas; politica austera, ou equilibrio moral de povos e de dirigentes, tal creio que seja o remedio infallivel a oppôr á criminalidade humana e o pedestal inabalavel que deve offerecer á admiração da posteridade agradecida o busto inconfundivel de quem o adoptar.

Entre as causas de grave damno no conjunto dos males sociaes, figura em logar de primazia o excesso ou a má interpretação dos respeitos humanos.

A propria boa ordem geral e a segurança particular de cada individuo, estão dependentes até certo ponto da fórma como são apreciados os actos diversos da vida dos homens, e da linha de conducta seguida pela auctoridade publica.

O povo é a victima eterna das injustiças e das prepotencias, e é tambem sempre o bode expiatorio das grandes maculas alheias.

O proteccionismo revoltante concedido insensatamente áquelles que se suppõe dispôrem de influencias politicas, estende-se ainda miserrimamente ás pessoas de familia e aos simples apaniguados.

Esta norma bestial de proceder cala no animo da multidão, irrita os espiritos mais prudentes, produz o incendio e arrasta as revoluções.

E' logico, é natural e necessario que isso aconteça, pois que não ha excepções no laboratorio vastissimo da natureza, e as mesmas leis que regem a evolução do feto desde a conceição até ao parto, na mulher rica, presidem egualmente ao phenomeno da geração e ás phases organicas do embryão que precedem o nascimento, na mulher mendiga e na esfarrapada.

O merito e o demerito das acções não resulta da vontade caprichosa nem do favor de ninguem: a virtude falla por si.

O 1789, embora irreparavel em muitos pontos, foi comtudo consequencia fatal de erros altamente censuraveis e de abusos que bradavam aos céos.

Nem só a maravilhosa estructura do Universo e a harmonia mathematica que subordina os corpos, demonstram á creatura que uma Proividencia véla pelo destino dos mundos, tem tambem valor eloquente de prova toda a explosão no theatro da vida, da consciencia ultrajada contra o desmando dos petulantes.

O socialismo ha de vir passeiar triumphante sobre os cadaveres putrefactos dos que ousam calcar direitos inalienaveis e explorar com astucia torpe.

Eu sei que dá para muito a malignidade das paixões ruins, as quaes incitam a attentados e levam a crimes atrozes, mas tenho por certeza indubitavel que não existe azedume sem agro.

E' mister sacudir a affronta que nos cuspiram na face, como é mister não permittir que nos espoliem impunemente.

E quando os governos impellem o arrojo e a farfalharia venal a termos escandalosos de audacia exhorbitante, lavram tacitamente a sua sentença de morte e depõem implicitamente na mão das massas populares o cutélo da vingança.

Assim como não ha fumo expontaneo, assim tambem não ha desordens de anarchia sem um motivo concomitante.

Uma vez formuladas as leis e redigidos os codigos, é forçoso que cessem quaesquer razões de consideração que possam prevalecer á sua applicação immediata.

Se a propriedade legitimamente adquirida confere diploma de posse incontestada, nenhuma justiça da terra é apta para esbulhar o possuidor de seus interesses sagrados em favor de quem quer que seja.

A importancia da categoria, as qualidades proprias e o quantitativo das vantagens allegadas, não sobrelevam ao direito.

De modo tal, todo o agente do crime incorre na pena comminada.

A facada, o roubo ou qualquer outra especie de delicto implica responsabilidade identica e diligencias semelhantes, quer a auctoridade tenha de haver-se com o gerente d'uma fabrica, com um irmão e o creado d'este ou quer se trate do primeiro magistrado d'um povo.

«Pereça o mundo mas cumpra-se a justiça.»

E' esta expressão d'um conceito austero e sublimado, que deveria postergar o ardil das vaidades e o disfarce ambicioso dos velhacos.

Do mesmo modo que a nausea provoca o vomito, de maneira egual o malusar permanente, adoptado como systema por aquelles que se acham investidos em attribuições de desaggravo, desautorisa e abandalha as classes dirigentes.

Não pensem os caudilhos servidores de politica de droga, que é bastante para defendel-os do odio das turbas que expoliam, a inviolabilidade que parecem sancionar-lhes os poderes constituidos.

Tudo se altera com rapidez, logo que se unem os esforços n'um movimento de reacção.

E para tanto se conseguir, só é precisa a ideia inicial, como á custa d'uma unica faulha póde ser abrazada inteiramente uma zona amplissima.

Mantenham-se os respeitos humanos, mas na medida que fôr compativel com as regras preceituaes da Justiça incorruptivel, e com os sentimentos de nobreza e de sympathia que a verdade desperta.

Juizo recto, vinga injurias e reprime os malvados: favoritismo ignaro, céva monstros e desconjuncta organisações sociaes.

D. Francisco de Noronha.

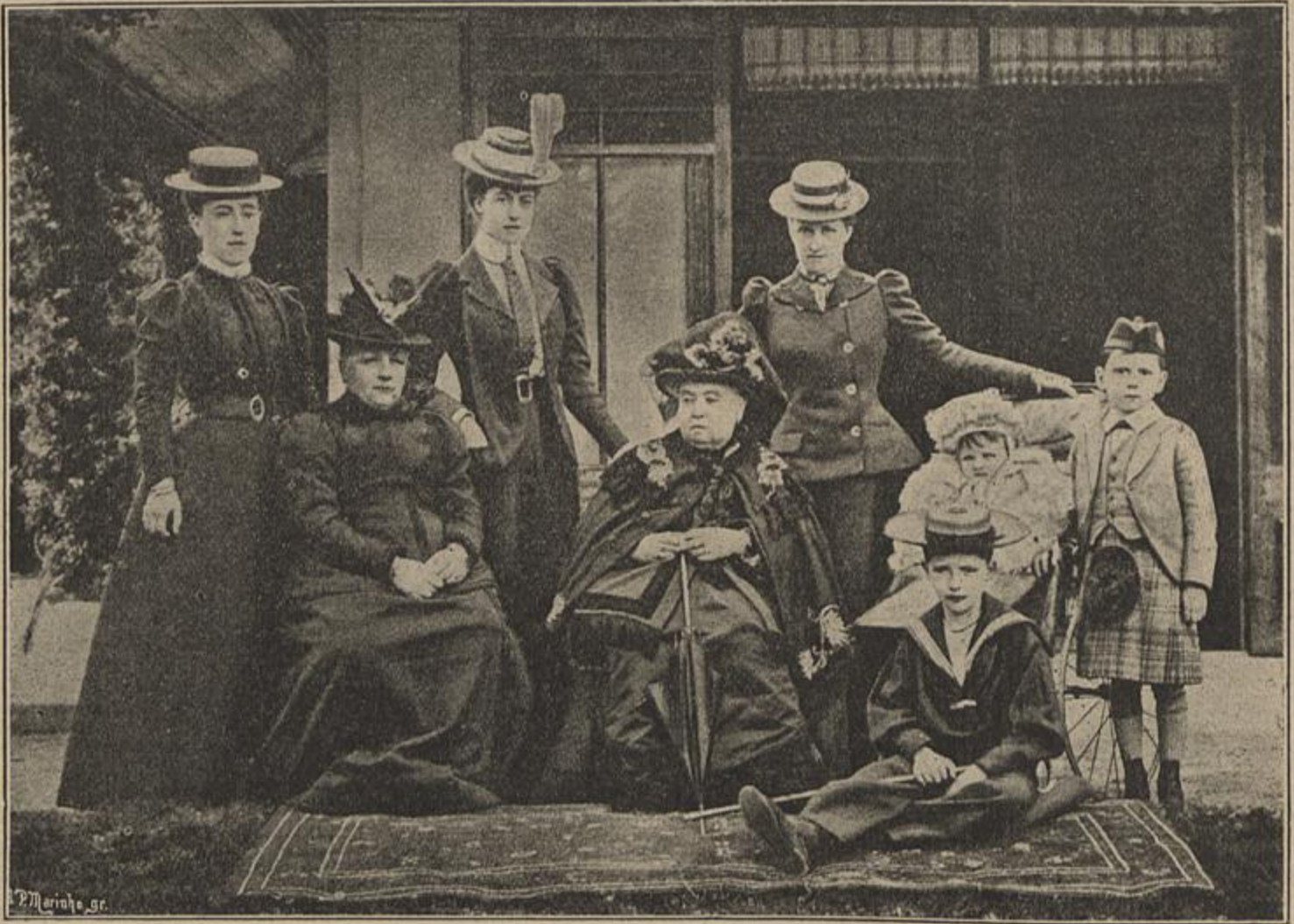
AS NOSSAS GRAVURAS

SOUSA BASTOS

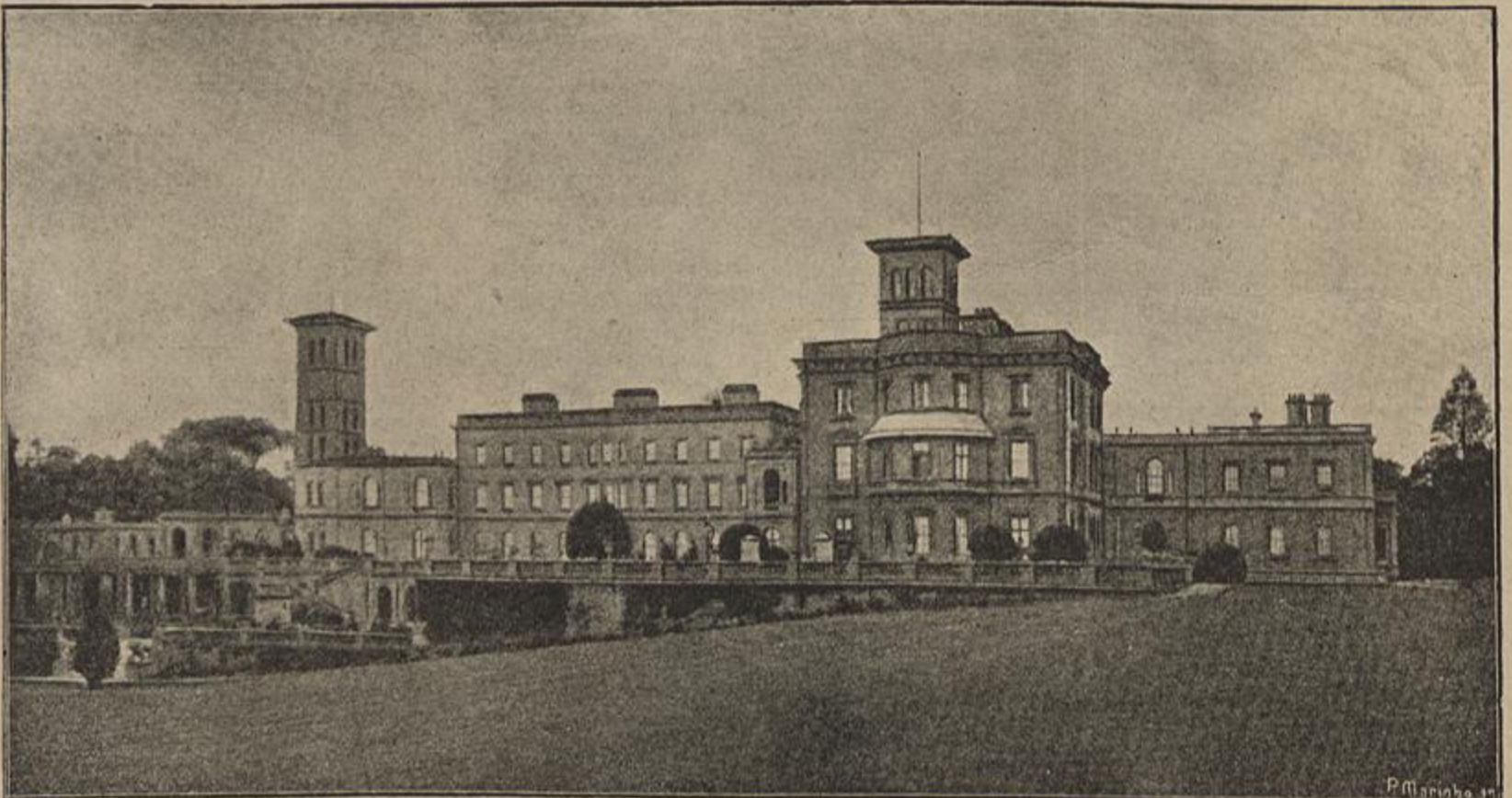
É o auctor da revista ha dois dias representada no theatro de Avenida: *Talvez te escreva.*

Foi n'esse genero que Sousa Bastos conseguiu tornar-se celebre. Ainda hoje quem quer reavivar memorias de grandes exitos ha de forçosamente falar do *Tim-tim*, em que tão notaveis se tornaram a Pepa e o Alfredo de Carvalho, do *Tam-tam*, onde Palmira Bastos nos appareceu pela primeira vez fazendo a *Gatinha branca*, e de tantas outras peças na Rua dos Condes, na Avenida, na Trindade, todas cheias de muita alegria, de bons ditos, de finissimos quadros, e dando sempre ensejo a que os actores brilhem pela graça, as actrizes pela formosura.

Sousa Bastos é um empresario intelligentissimo. Poucos sabem como elle manter uma peça no cartaz, reclamando-a, renovando-a, substituindo-lhe quadros, ornando-a com novas coplas.

Dirigindo hoje o theatro de Avenida, conseguiu formar uma excellente companhia, cuja estrella, Palmira Bastos, é, sem a menor duvida, uma das

Princeza Victoria de Slesvig-Holstein — Princeza de Leiningen — Princeza Victoria de Galles — S. M. A Rainha Victoria — Princeza Henri da Prussia e seus filhos — Principe Mauricio de Battenberg

S. M. A RAINHA VICTORIA EM FAMILIA

(Copia de uma photographia de B. Milne)

O CASTELLO DE OSBORNE ONDE FALLECEU A RAINHA VICTORIA

(Copia d'uma photographia)

mais completas actrizes de opera-comica que tenha representado e cantado em theatros portuguezes.

Mas não só ella ali atrae o publico. Os mais notaveis actores no genero ali se reuniram. Para dar alma a uma revista basta o Alfredo de Carvalho, eximio n'esse genero.

Talvez te escreva está destinada a uma brilhante centesima, como suas manas mais velhas. Assim o desejamos a Sousa Bastos com toda a sinceridade do nosso coração.

THEATRO DA AVENIDA

SOUSA BASTOS

O SENHOR FRANCISCO

(RECORDAÇÕES DE 1848)

POR

Ivan Turgeniew

Passei todo o inverno de 1847 a 1848 em Paris. O meu quarto ficava pouco distante do *Palais Royal*, onde, quasi todos os dias, eu ia tomar cafe e ler os jornaes. O *Palais Royal*, não era ainda, áquella data, o que mais tarde veio a ser: um ermo, com quanto, desde longo tempo, se houvessem desvanecido nos annaes do passado os seus dias de gloria, d'essa gloria tão especial que levava os nossos veteranos russos de 1814 e 1815, sempre que encontravam qualquer viajante regressando de Paris, a exclamar:

«Que é feito d'esse nosso querido amigo, o *Palais Royal?*» Certo dia — foi em principios de janeiro de 1848, — estava eu sentado a uma das banquinhas dispostas em redor do café da Rotunda, eis senão quando hum homem de estatura elevada, sêcco e magro, de cabello prêto já um tanto sarapintado de branco, arvorados sobre o nariz aquilino uns óculos de férro assaz ferrugentos e com vidros fumádos, sahe do café, lança um olhar em redor, e, tendo verificado que as mêzas estavam todas occupádas, pede-me licença para se assentar áquella a que eu estava abancádo. Annuí. O homem dos óculos deixa-se cahir n'uma cadeira, impéle para a nuca o caduco chapéu de cópa alta, e crusando as mãos ossudas sobre o castão da bengála, gróssa e nodósa, péde uma chavena de café. Quanto ao jornal que o criado ao mesmo tempo lhe offerecia, rejeita-o encolhendo os hombros. Permutamos algumas phrases insignificantes. Recordo-me de que resmungava por entre dentes — «Tempo maldito! — mofino tempo!» dito isto, emborca á pressa a chavena e elle ahi vae.

A impressão que o homem me deixára não se apagou facilmente. Era, sem a minima duvida, um francez do sul, gascão ou provençal. O rosto tisnado, lavrádo de rugas, as fáces corádas, a bócca desdentada, a voz surda e de cega-réga, o proprio casaco enxovalhado, cheio de gêlhas, e parecendo não ter sido feito para elle, era tudo prenuncios do seu viver inquieto, vagabundo e penurioso. Um homem alquebrádo, moido pelos embátes da tormenta, disse comigo, e o seu estado de penuria não data de hoje nem de hontem; deve ter vivido sempre em apertos e na miseria. D'onde lhe resultaria aquella expressão semi-consciente e semi-involuntaria de superioridade que se lhe lê no rosto, em cada gesto e até no andar tibio, arrastado? Os pobres, os humildes não andam d'aquelle modo. Foram os olhos o que mais me impressionára, com aquellas pupillas castanho escuro, circundados d'um branco amareládo. O'ra os escancaráva fitando olhar immóvel e apagado, óra os piscava de módo estranho, arqueando os sobr'-olhos hirsutos e lançando olhares de revez por cima dos áros dos óculos. N'esses momentos, um motejo amargo e maligno propagáva se-lhe pelas feições do rosto. Que eu afinal não tive occasião, n'aquelle dia, para me occupar lá muito d'elle; a expectativa dos banquêtes reformistas trazia agitado Paris em pêso. Puz-me a lêr os jornaes. No dia seguinte, voltei ao *Palais Royal* e lá tornei a encontrar o sujeito da vespera. Assim que me viu, cumprimentou-me, como se me reco-

O Real Theatro de S. Carlos

ERNESTINA BENDAZZI SECCHI na opera *Pescatori di Perle*, de Bizet

AMELIA STAHL na opera *Carmen*, de Bizet

nhecesse, com leve sorriso, e, sem me pedir licença, sentou-se ao pé de mim, como se o tel-o encontrado não podésse causar-me o minimo desagrado, supposto houvesse mêzas devoluto. A conversa travou-se immediatamente:

«O senhor é estrangeiro, russo, me disse de arremetida, remechendo, muito de seu vagar, com a colher, o conteudo da chavena.

— Lá que eu seja estrangeiro, retorqui, creio que o terá percebido pela pronuncia. Mas porque foi que adivinhou que eu era russo?

— Por quê? Disse, agora mesmo; «*perdão*» com voz arrastada; que cantem tanto a falar, não ha senão os russos. E d'ahi, ja sabia que era russo. Ia pedir-lhe que se explicasse mais claramente; elle, comtudo, tomára outra vez a palavra.

«Fez bem em cá vir n'esta época, exactamente. É um tempo interessante para os excursionistas. Vae presencear grandes coisas.

— Que coisas?

Ora oiça: estamos em principio de fevereiro; d'aqui a menos d'um mez, a França ha de estar em plena républica.

— Républica?

— Républica! Pois então! Mas não se regosije antes de tempo, se é que a noticia o regosija. Antes do fim do anno, os Bonapartes estarão de pósse (empregou um termo cynico) d'esta mesma França.

Emquanto se restringiu a mencionar a républica, não acreditei palavra, e contentei-me com dizer, de mim para mim: Cá está este a querer me disfructar, pensa que sou para ahi qualquer scytha ignáro. Bonapartes? Onde demonio iria elle desencantar Bonapartes? N'este momento do reinado de Luiz Filippe, quem é que pensava em Bonapartes? ou, pelo menos, quem falava em semelhante coisa? Querem ver que vim cahir nas unhas para ahi de qualquer d'esses mistificadores, d'esses cavalheiros d'industria que infestam os cafés e hoteis, embuscádos á caça d'estrangeiros, para lhes apanhar dinheiro a titulo de emprestimo?

— «Suppõe, então, que o rei não consentirá reformas, sejam ellas quaes fôrem? perguntei, passado breve silencio. As exigencias da opposição não parecem, comtudo, excessivas.

— A cantiga do costume; replicou, com ar negligente Extensão do direito eleitoral, aproveitamento das capacidades — palavriado, e mais nada — Banquêtes, era uma vez, o rei diz que não céde, e o Guizot diz que não quer. E demais, acrescentou, naturalmente, por ter notado a impressão pouco favoravel que produzia na minha pessôa:

— Leve o diabo a politica. Fazel-a, é divertido, mas vêr de fóra como e que os outros a fazem, é estupido. Tal qual os cachorrinhos, quando os canzarrões... gozam da vida: os cachorritos, coitados d'elles, o que lhes resta? — ladrar e ganir. — Mas falêmos d'outra coisa.»

Nem já me lembra de como é que principiou a conversa.

— Costuma ir ao theatro? Já se vê — . . . prorompeu com esse ar sacudido em que eu já fizéra repáro, e que deixava suppôr que não concedia grande attenção ao que lhe diziam; que os senhores russos, todos gostam de theatro.

— Costumo, de vez em quando..

— E está encantado com os nossos actores? faço ideia.

— Com alguns, com os da Comedia Franzêsa, principalmente.

— O bom gôsto, atalhou com certos entôno, o bom gosto — eis o que deita a perder os nossos actôres. Tradição d'aqui, conservatorio d'ali, uma desgraça! — Do primeiro até o ultimo, são de gêlo — e ôcos, como esses taes peixes que, durante o inverno, apparecem nos mercados lá da sua terra. Não ha entre nós um só actor que se atrevêsse a proferir — Amo-te!, sem escachar as pernas como um compásso, e arregalar o olho com ar languido e beatifico — Por causa do tal bom gosto, já se sabe — Actores que mereçam o nome, só em Italia. Quando eu vivia na Italia... A proposito, que me diz á Constituição que o rei Bomba concedeu ha pouco aos seus subditos fieis? E tão cedo não lhe perdôa a mercê, digo lh'o eu! — Quando estive em Napoles, vi por lá, no theatro popular, uns patuscos... C'os demonios! Todo o italiano nasce actor — É dom da natureza — emquanto que nós, isso sim, — esfalfamo-nos a correr atraz da naturalidade. — Compare o melhor dos nossos comicos do *Palais Royal* com o ultimo d'aquelles masmarros que, lá em Napoles, improvisam sermões no meio da rua! «*Per le santissime anime del purgatorio*», ejaculou, de subito, em tom cantado e fanhôso — e, até onde chegava o meu criterio, com o mais puro accento napolitano.

Larguei a rir, e elle fez o mesmo, sem ruido, escancarando a bôca e mirando-me, por cima dos oculos.

— «Pois sim, mas a Ráchel... observei.

— A Rachel — sim, essa é uma força—; a força e a flôr d'essa judiaria que já se apoderou das algibeiras do mundo inteiro e que não tardará muito em se apoderar do resto; — que quem tiver a algibeira tem a mulher, e quem tem a mulher tem o homem. — Sabe que mais, a Rachel é tal qual o Meyerbeer, que nos anda sempre a fazer negaças e fósquinhas com o seu *Propheta*: «Vou dár-lh'o; nada, não; já lh'o não dou — » É um homem habil, um hebreu, um *maestro* — mas não no sentido musical — já se vê — Que a Rachel, se quer que lhe diga, ha uns tempos para cá, esta-se estragando e quem tem a culpa sois vós, senhores estrangeiros.— Lá na Italia ha uma actriz, uma tal Ristori. Ouvi dizer que casara ultimamente com um marquez qualquer e que se retirára da scena.—

Tenho pena — porque é bôa, lá isso é — ainda que abusa um tanto das caretas.

— Esteve muito tempo na Italia? perguntei.

— Se estive? Gastei por lá, até, algumas sólas. E onde é que eu não estive?

— Na propria Russia, ao que parece?

— Tambem gosta de musica? perguntou, sem responder á minha pergunta — Frequenta a Opera?

— Gosto de musica.

— Gosta?... podera não! — Ou não seria slavo — não ha nenhum que não padeça de melomania.

— Pois meu caro senhor, saiba que é a ultima de todas as artes! — A musica, quando não actua sobre o homem é massadora, e quando actua é nociva:

— Nociva, então porque?

— É nociva, porque enerva, tal qual os banhos muito quentes. E senão, pergunte aos medicos.

— E com respeito ás outras artes, qual é a sua opinião?

— N'este mundo, meu caro senhor, não ha senão uma arte, — a escultura! E' fria, impassivel, grandiosa; evóca no homem a idea ou a illusão — lá isso, como quizer. — da immortalidade e da eternidade.

— E a pintura?

— A pintura?! —

— A pintura? N'essa ha sangue de mais, carne de mais; excesso de côr, excesso de peccado. Não pintam senão mulheres nuas! A estatua nunca o está. Escaldar o sangue ao homem! Para quê? Como se elle precisasse d'isso! Os homens são todos culpados, criminosos, pôdres de peccados, desde a cabeça até aos pés!

— Podres! todos, todos sem excepção?

— Todos, o senhor, eu, e até aquelle solteirão com cára de paschôa, que está a comprar uma boneca para a dar de presente a qualquer filho alheio, ou d'elle, quem sabe lá? Tudo, tudo culpado!

Não ha ninguem que não tenha na sua vida um casosinho de policia correccional e quem ha ahi que se possa gabar de não ter direito a um cantinho n'esse mofino banco dos réus.

— Pelo que vejo, sabe-o melhor que ninguem, proferi, sem querer.

— Melhor que ninguem, diz muito bem. — *Experto credi* (em vez de *crede*) *Roberto*.

— E a respeito de litteratura, qual é a sua opinião? disse eu proseguindo no meu interrogatorio. Queres mystificar-me, disse eu comigo, por que te não hei de eu mystificar, a ti, que dás syllabadas n'uma citação latina, qse ninguém te obrigou a fazer?

(Continúa) *Pin-Sél.*

SCIENCIA MODERNA

XXIV

O LEITE E SUA CONSERVAÇÃO

O leite é um dos productos alimentares que mais facilmente se altera. Para impedir essa alteração, é costume addicionar-se-lhe varios productos que o tornam susceptivel de ser conservado durante longo espaço de tempo sem o perigo de lhe ser modificada a sua composição.

Fallaremos unicamente de dois d'esses productos, os quaes são os mais frequentemente empregados para a conservação do leite, indicando egualmente os inconvenientes que podem provir da juncção ao leite, d'esses mesmos productos.

Queremos referir-nos ao bichromato de potassio e ao aldehyde formico.

1.º *Bichromato de potassio.* — Em 1891, um sueco, o dr. Aller, pediu para que lhe fosse concedida a patente d'invenção para um processo por elle imaginado no intuito de garantir a conservação do leite.

Consiste elle no seguinte: Se juntarmos 0gr, 1 de bichromato de potassio a um litro de leite, esta quantidade é sufficiente para obstar a alteração do leite durante 24 horas; se lhe juntarmos 0gr, 25, o leite fica intacto durante 15 dias, se lhe juntarmos 4 grammas, o leite não se estraga durante quatro mezes.

Este processo applicado aos leites de consumo pode dar bons resultados, tendo as analyses comprovado que realmente com taes quantidades de bichromato de potassio, o leite conservar-se-ha inalteravel.

Em Bordeus, fizeram-se ultimamente analyses n'este sentido, baseadas no processo Allen, mas com uma pequena variante: o bichromato foi substituido por uma mistura composta de uma parte de bichromato e duas de chromato neutro, empregadas na dose de dois grammas para cada 50 litros de leite, o que dá ao leite uma coloração amarellada muito menos intensa do que a coloração tomada empregando só o bichromato.

Tem, alem d'isso, o processo Allen o inconveniente de, em virtude da coloração amarella intensa que o leite toma com a addicção do bichromato, o tornar suspeito e por conseguinte regeitado no consumo.

O emprego dos chromatos está, no emtanto, longe de ser pratico e alem d'isso não é recommendavel visto que os saes de chromio, mesmo em pequenas doses, são venenosos.

Um processo de fiscalisação muito simples permitte averiguar a quantidade de saes de chromio que um leite contem:

Trata-se um centimetro cubico de leite pelo seu volume de uma solução de nitrato de prata a 2 %, o liquido córar-se-ha desde o alaranjado até ao amarello, consoante a percentagem em chromato que elle contiver. Todo o leite que modificar a sua côr com o auxilio d'este reagente não deve ser utilisado, por suspeito.

2.º *Aldehyde formico.* — Reconhece-se a existencia d'este corpo organico no leite servindo-nos do reagente de Schiff, fundado na propriedade que teem os aldehydes formicos de avermelharem uma solução de fuchsina descorada pelo anhydrido sulphuroso. É necessario, no emtanto, notar que se se fizer reagir directamente a solução de Schiff sobre o leite, o resultado pode não ser satisfatorio porque a cazeina e os albuminoides que existem no leite tambem podem córal-o de vermelho de modo que, é difficil n'um dado momento, saber-se se a côr vermelha deve ser attribuida á existencia do aldehyde formico no leite, ou não.

Remedeia-se este inconveniente pela juncção do acido chlorhydrico, que faz virar ao azul a coloração vermelha dada pelos aldehydes ao bisulphito. Opera-se então da seguinte forma:

N'um tubo de ensaio, deite-se 10 centimetros cubicos de leite, e junte-se um centimetro cubico de reagente fuchsinado, o qual toma a côr vermelha. Depois de ter deixado repousar a mistura durante cinco minutos, junte-se-lhe dois centimetros cubicos de acido chlorydrico e agite-se. Se o leite não contiver aldehyde formico, a mistura torna-se amarella, se o contiver, conservar-se-ha azul violaceo mais ou menos intenso consoante a quantidade existente.

O reagente fuchsinado prepara-se do seguinte modo:

Tome-se 20 gr. de fuchsina dissolvida em 300 cm3 de agua, junte se-lhe 10 cm3 de bisulphito de soda a 40º Beaumé, com 10 cm3 de acido sulphurico e agite-se; a mistura turva-se mas o precipitado desapparece logo e uma coloração levemente vermelha apparece por algum tempo, findo o qual se torna o reagente perfeitamente incolor.

XXV

ANALYSE DOS OLEOS POR OXYDAÇÃO

Varios processos se teem adoptado nas analyses dos oleos, sendo os que hoje se acham mais em uso, os que se fundam no indice de refracção e no indice de iodo e indice de bromio dos diversos oleos.

O indice de refracção dos oleos é diverso consoante a sua especie, de modo que facilmente por meio d'elle, pode-se achar qual a especie de oleo que se sujeita a analyse. O apparelho empregado é o *oleo refractametro* fundado na propriedade que os raios luminosos teem de soffrerem um desvio quando passam de um meio mais refrangente para um meio menos refrangente.

O processo pelo iodo e bromio é um processo volumetrico, pretendendo se saber qual a quantidade em volume que cada oleo fixa d'esses cor-

pos, indice variavel consoante os oleos e quasi constante para oleos da mesma especie.

Ultimamente imaginou-se um outro processo fundado em que os oleos teem maior ou menor tendencia para se combinarem com o oxygenio, realisando-se essa oxydação com o auxilio do resinato de manganez puro em presença de qualquer corpo neutro (por exemplo, a silica precipitada) de modo a produzir-se a oxidação n'umas condições quasi sempre identicas.

O indice de oxydação é representado pelo augmento de peso constatado por pezadas successivas e referidas a 100

Oleo linhaça	Grau do oxydação.....	14,40
» do noz	» » »	13,70
» » algodão desmargarinisado	» » »	9,45
» » » margarinisado	» » »	8,60
» » gergelim	» » »	7,40
» » colza	» » »	6,40
Azeite	» » »	6,30

Este processo é muito mais preciso do que o processo pelo iodo ou bromio. Com effeito, emquanto que a absorpção do iodo é muito rapida, a acção oxydante, embora rapida, realisa-se n'um espaço de tempo que é egualmente funcção da temperatura e da qualidade do oleo a examinar.

Fez-se a experiencia com o oleo de papoula, tendo variado a temperatura durante este tempo desde 17° a 23° e chegou-se aos seguintes resultados:

Grau de oxydação em 6 horas..........................	0,20 %
» » » » 12 »	6,80
» » » » 22 »	11,45
» » » » 24 »	11,55
» » » » 30 »	12,45
» » » » 48 »	14,20

O *indice iodo* é sempre expresso por um só numero independentemente do tempo empregado na experiencia, e da temperatura a que esta se fez. Só é variavel com a qualidade de oleo.

O *indice de oxydação* é expresso em varios numeros dependendo estes do tempo effectuado para a experiencia e da temperatura a que esta foi feita, sendo todos estes resultados parciaes, caracteristicos do poder d'absorpção e rapidez da reacção.

Parece-nos, por conseguinte, um processo a que está reservado grande futuro e que hade substituir com vantagem o processo fundado no indice de iodo e indice de bromio dos oleos vegetaes.

21-10-900

Antonio A. O. Machado.

CARTAS DA HOLLANDA

EXCERPTO

(Concluido do numero antecedente)

E se nem tão de perto, nem tão baixinho o fizessem, mais uma vez se haveria percebido, em labios de namorado, aquella supplica do Poeta:

Beijo na face
Pede-se e dá-se.
Dá?

Não precisou Armando da escada de Romeu para melhor se approximar da sua bem amada. A janella era baixa, como já dissémos. Na visinhança, aquelle idyllio não causou surpresa; apenas se reparou em que o rapaz era... outro. Para attender Armando, com effeito, teve a menina o decoro de pôr em ordem de marcha o sargento-aspirante com quem andava de conversa, pretextando que o pae só consentiria no caso, quando elle tivesse a patente e os vencimentos de um primeiro tenente, agaloado e sonante.

D'uma vez aconteceu que a capellista defronte, chegando á porta, commentou para alguem que tomava fresco na varanda:

—«Desde que para ali vieram, ainda não ha dois mezes, já com este são quatro, que a lambisgoia namora...»

Armando ouviu e percebeu o commentario. Não se irritou; proseguiu. E afinal, elle proprio, quando d'ali saisse, nessa mesma noite, não tinha já a esperal-o, no parapeito de uma outra janella, á Penha, o frenesí de uma outra namorada?

2.° QUADRO

Helena é a irmã mais velha. Tem vinte annos, e só neste anno deixou de ir ao collegio. De casa para o collegio e do collegio para casa andou sempre só, sem que d'ahi viesse nenhum mal ao mundo. Aos dezesete annos, usava saias curtas e os cabellos caidos pelas costas. É alegre, é cheia de saude. Nos olhos nem o mais leve indicio de maldade.

O que se dá com Hellena é o mesmo que se dá na Hollanda, com todas as raparigas da sua mesma edade. A vida é lenta, sem impaciencias, e andando devagar, para chegar ao longe. Ella não sabe o que é um romance, não viu nunca uma peça equivoca de theatro, e de tudo o mais quanto a uma rapariga de vinte annos, noutro paiz, quasi não é permittido ignorar, ella apenas sabe que nem ella, nem seus irmãos, vieram ao mundo por obra e graça do Espirito Santo.

Daniel tem vinte e cinco annos. Concluiu o seu curso de engenheiro hydrographo, está prompto para a vida. É membro de uma sociedade de gymnastica, tem o seu club, e tem o seu cavallo. A universidade deu-lhe todos os conhecimentos necessarios; a gymnastica e a equitação desenvolveram-lhe os musculos. A's onze horas da noite está deitado, mettido na sua cama, em sua casa; e nunca voltou mais tarde para casa. Nunca passou uma noite fóra de casa. Se o tivesse feito, seu pae estaria no pleno direito de lhe applicar uma forte reprimenda, e Daniel tem muito amor ás suas barbas louras, para não coarctar a seu pae o uso d'esse direito.

Helena e Daniel são filhos da razão social Pander & Blok, exportadores de alcooes, Canal dos Arcabuzeiros, 5. Aos domingos, depois da uma hora, Pander, mulher e filhos, ou Block, mulher e filhos, fecham a sua casa, mandam passear a sua creada, vam dar uma volta pelo Vondelpark ou uma vista de olhos pelo Museu de pintura, e encaminham-se depois para casa de Block, ou para casa de Pander, onde todos jantam.

Depois do jantar, as mulheres puxam cadeiras para o vão de uma janella, os maridos puxam cadeiras para o vão de outra janella; Helena senta-se ao piano, Daniel volta as folhas da musica; e os mais pequenos e as mais pequenas fogem para o jardim...

Uma bella manhã, quando entram no seu escriptorio, Canal dos Arcabuzeiros, 5, Pander & Block apertam muito as mãos, olham um para o outro de modo desusado, ficam perplexos um instante... Subitamente diz Pander:

—«Parece-lhe que a sua Helena aceitaria de bom grado a mão do meu Daniel?»

E Block pergunta:

—«Parece-lhe que o seu Daniel aceitaria de bom grado a mão da minha Helena?»

Parece-lhe. Tambem me parece.

E o casamento está feito, solidamente feito, quanto possivel feito. Pander & Block foram apenas os intermediarios. Pander disse a Block o que Daniel não se atreveria nunca a dizer a Helena; Block disse a Pander o que Helena não poderia, por outro meio, fazer constar a Daniel.

Desde esse dia, Daniel e Helena vam sósinhos ao Museu, ao Vondelpak, ao theatro, e ao fim do mundo.

Pandea & Blok, tendo sido primeiramente seus intermediarios, são agora os seus banqueiros. Os noivos sacam sobre elles, e com o dinheiro que levantam alugam a sua casa, compram a sua mobilia, encommendam o seu enxoval. Quando tudo está prompto, precisamente no momento em que tantos outros — que houvessem corrido as mesmas contingencias, mas num outro paiz mais convencional — se dariam por satisfeitos, e se passariam o pé, Helena e Daniel expedem uma circular a todas as pessoas das suas relações participando a constituição da sua nova familia, como quem diz — da sua nova firma.

E o casamento fez-se.

Nem uma carta de namoro, nem uma serenata, nem um madrigal. Nem uma insolencia, nem um beijo. Tudo seguiu os tramites legaes. Sopa, cosido, e arroz.

O unico rapto de que ha memoria na Hollanda — é o rapto das Sabinas!

Na Hollanda, o amor é uma funcção. Em Portugal uma funçanata.

As moradas ao rez-do-chão, nas capitaes como Lisboa, deviam ser preferidas, apenas, por estas tres classes de individuos: os celibatarios, os majores reformados, e as viuvas d'uma certa edade.

Na paz honesta da vida de provincia, aldeã e simples, a janella aberta de uma casa terrea, deitando sobre a estrada, pode tanto garantir o que de mais caro haja na donzella que lá móre, como o sequestro inviolavel d'aquellas torres ameiadas dos castellos, que nos romances serviram para furtar creanças caprichosas aos arrebatamentos de namorados tenazes. A' hora calma, perfumada e fôsca, do anoitecer, quando as estrellas veem chegando ao céo, e as avesinhas vam recolhendo aos ninhos, quantos encantos tem, quanta ternura, á beira da estrada, sem mácula de peccado, algum idyllio rustico! Nem sombra de maldade naquellas duas almas, nem naquelles dois corpos tentações damninhas. E assim, e assim, por longos prasos se preciso fôr, até que ambos se decidam um pelo outro, bem seguros do amor que tanto os trouxe presos, bem amoldados já os genios um ao outro.

Em Lisboa muda o caso de figura, e muito. Debruçada a uma janella baixa de rez-do-chão, como aquella da Rua da Quintinha, a rapariga mais séria, mais decente, mais sensata; a menos leviana, menos hysterica, menos leitora de folhetins, está debruçada, para que assim o digamos, ao parapeito de um abysmo. Aquella janella, quando se abre de par em par, para que a ella surja o busto airoso ou deformado d'alguma das cem mil virgens que povoam Lisboa (vêde a Estatistica) é uma janella que deita para o Peccado...

Eu não sei quem disse que a força de uma nação está no pudor das suas mulheres. Entre nós, a noção do pudor chegou a modificar-se tão profundamente, amesquinhando-nos tanto, e tanto nos pervertendo que, para de alguma maneira se realisar, embora lentamente, uma mudança efficaz na physionomia nacional, seria preciso partir do mesmo cruel principio que a Juvenal serviu para castigo e lição das mulheres da sua época.

Seria preciso dizer, bem claramente, sem pejo, e sem rodeios, a essas meninas Isauras da Rua da Quintinha, o que ellas são; seria preciso mostrar-lhes quão deploravel é, e quanto é ridiculo, o papel que fazem na sociedade a que pertencem, para que a sua virtude não corra tantos perigos e as suas pessoasinhas não continuem a ser o alvo de tantas satyras.

Não se trata apenas de occultarem melhor as suas culpas, ou mais habilmente dissimularem as suas fraquezas. Não é só o escandalo que precisa ser evitado; admittamos mesmo que o escandalo é o que menos importa: mas são os factos, os proprios factos, a que convem pôr cobro.

Que essas meninas tenham ao menos a dignidade do seu sexo, já que não tiveram mães, nem paes, que lhes déssem os principios de uma boa educação! Portem-se bem; que o resto se fará gradualmente, pelo progresso moral da raça e do meio.

No tocante aos homens, faz cada qual o mais que pode, sem outras responsabilidades que as da sua consciencia: o mesmo que dizer, muitas vezes — sem responsabilidade alguma . . Cada qual por si, que lá está Deus por todos.

Alfredo Mesquita.

ALFREDO MESQUITA

Occupa já um logar distincto na litteratura portugueza e ainda ha poucos annos publicou o seu primeiro livro *Julio Cesar Machado*, retrato litterario, como elle chamou, com muita propriedade, áquellas sentidas paginas, espelho da vida do primoroso escriptor e folhetinista insigne.

Aquelle seu primeiro livro foi uma revelação promettedora, que pouco depois se affirmava no *Portugal Moribundo*, outro volume, que os tristes acontecimentos de 1890, inspiraram a Alfredo Mesquita.

A estes livros seguiram-se *Vida Airada*, *De Cara Alegre*, *Terras de Hespanha* e *Cartas da Hollanda*, ultimamente publicado, em que Alfredo Mesquita reuniu e ordenou as notas da sua viagem áquelle paiz em 1899, nas festas da inauguração do reinado da joven rainha Guilhermina.

Todos os livros de Alfredo Mesquita tem sido festejados pela critica e lidos pelo publico com preferencia.

É porque n'elles resalta o talento, a arte. Tem o sentimento humano, de um espirito saudavel, sem irritações, deslisando suave e graciosamente nas paginas dos seus livros de bom portuguez.

Alfredo Mesquita está novo, muito ha ainda a esperar do seu bello talento.

NECROLOGIA

AUGUSTA CRUZ CARNEIRO

Mais um vulto artistico se extinguiu. A implacavel parca acaba de arrancar d'esta vida, Augusta Cruz, que contava unicamente trinta e um anno.

Desde creança manifestára grande aptidão para

ALFREDO MESQUITA

Auctor do livro «Cartas da Hollanda»

o canto, começando os seus estudos em Vizeu com o professor Dalhunty.

N'um saráu realisado n'esta cidade em 1887, demonstrou Augusta Cruz, os seus grandes dotes artisticos, obtendo um successo em todos os trechos que cantou.

Proseguindo a sua carreira, seguiu para Lisboa onde estudou com o maestro Pontecchi, e um anno mais tarde, desempenhava em S. Carlos a parte de Siebel no *Faust* com um acolhimento muito favoravel de todo o publico. Afim de completar os seus estudos, foi a Milão, até que em 1890, fez a sua estreia definitiva em Padua, tomando a seu cargo, a difficil parte de Leonor do *Trovador*.

Os seus successos, desde então, foram ininterruptos, sendo as suas operas favoritas *Trovador*, *Huguenottes*, *Forza del Destin*, *Lohengrin* e *Roberto*.

Ha pouco abandonára a carreira lyrica, desposando o sr. Manuel Carneiro que, bem pouco tempo, poude avaliar as caricias de uma senhora affavel e virtuosa.

Que descance em paz a distincta artista.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Télas do Minho — *por Avilio Maya—Com duas palavras do sr. Olavo Bilac—Illustrações de Conceição Silva — Imprensa de Libanio da Silva— 1900.*

O volume que tem o suggestivo titulo de *Télas do Minho* é um verdadeiro mimo na sua parte material. Composição, impressão, papel e illustrações, são esmeradamente escolhidos e tornam o livro, primeiro que tudo, de um aspecto agradavel e abonam o bom gosto que presidiu a tão distincta edição.

Nas suas *Duas palavras* o illustre escriptor brazileiro Olavo Bilac aprecia as composições poeticas do sr. Abilio Maya contidas n'este volume e dedica-lhes os seguintes periodos, que recortamos, pois não saberiamos, em verdade, exprimir melhor, nem tão bem egual conceito:

Estes versos do sr. Abilio Maya podiam ter uma factura mais sabia, uma arte máis apurada, uma escolha melhor de vocabulos: mas salvam-se e são lidos com commoção, porque teem um raro perfume de sinceridade.

São versos de quem comprehende e ama a natureza.

Quebra-os a saudade dos logares amados, enche-os de lagrimas a piedade: ha, em cada um d'elles, a imagem de um sitio querido, a recordação de uma festa rustica, a evocação de um drama pungente e singelo em que entra a gente simples do campo, com toda a sua ingenuidade e toda a sua rude belleza.

E' inutil citar aqui, destacando-os do conjuncto, este ou aquelle trechos.

O livro será lido e relido, que o merece.

E' livro de poeta»

Não para confirmar as phrases acima, que não carecem de tal prova, mas para dar aos leitores idéa da suave inspiração que rescendem as *Télas do Minho*, reproduzimos a poesia com que abre o encantador livro de versos, e a qual tem por titulo:

Mágoa intima

Da minha mocidade entre a procella escura,
Que fez de mim proscripto, errando á desventura,
Por ignoto caminho,
Ficaram-me n'alma, a scintillar, dispersas,
Estas recordações, em lagrimas immersas,
Do meu cerúleo Minho.

Saudades do meu Lar! sacrario bom do Amôr,
Podeis avaliar a gamna d'esta dôr
Que o meu coração tem...
Pudesse eu alumiar as minhas pobres *Télas*,
Do clarão que as faria, em um momento, estrellas
Do olhar de minha mãe!...

O calix de ouro do Mosteiro de Alcobaça — *por D. José Pessanha — Imprensa Nacional — Lisboa — 1900.*

N'um interessante folheto compilou o erudito investigador sr. D. José Pessanha muitas indicações e documentos curiosos referentes a um celebre calix de ouro que pertenceu ao mosteiro de Alcobaça, e que, tendo em 1834 sido levado para a Moeda e d'ahi para a Bibliotheca Publica, d'ella desappareceu em 1836. Ficou a patena, que, em 1892, tendo ido á exposição colombina de Madrid, não foi encontrada no regresso.

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça teve sempre fama pela sua riqueza, belleza e antiguidade. Tinha figuras em relevo, esmaltes e pedras preciosas e n'elle se viam gravadas certas inscripções de sentido enygmatico, cuja leitura se tentou fazer, explicando Bluteau e outros auctores o sentido das curiosas inscripções.

Tres versões correram sempre ácerca da origem da formosa joia. Segundo uns o precioso vaso sagrado teria sido feito das joias de D. Ignez de Castro, doadas ao convento por D. Pedro I; segundo outros o calix proviera de joias legadas ao mosteiro alcobacense por D. Affonso II; e finalmente asseveram outros que fôra dadiva do cardeal infante D. Affonso, ou de el-rei D. Manoel, quando na menoridade de seu filho, governara o mosteiro cisterciense.

Apreciando cuidadosamente todas estas hypotheses, fundando-se no estylo da patena, que era o estylo allemão do seculo XVI, o sr. D. José Pessanha examina e pondera eruditamente tudo quanto se refere ao celebrado calix, transcrevendo documentos ineditos ou dispersos e reproduzindo desenhos curiosos.

E' pois um interessante opusculo que de algum modo nos consola da deploravel perda de tão precioso exemplar da ourivesaria religiosa.

Dialecto mirandez, *por Albino J. Moraes Ferreira — Lisboa — 1898.*

E' um estudo deveras interessante sobre o dialecto mirandez o trabalho publicado n'este livro. E mostra-se tão completo quanto seria possivel exigil-o.

Em trabalho tão minucioso ha não só a admirar a boa observação e critica do auctor, como tambem a lucidez e bom methodo com que está disposto.

A CANTORA AUGUSTA CRUZ CARNEIRO — Fallecida em 6 do corrente